

LIVRO: O HERÓI, O VILÃO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Resumo

corpus

Palavras-chave:

Abstract

corpus

Dos agentes midiáticos que estão à disposição do público, o livro é, sem dúvida o de acesso mais difícil pelas suas características sócio-culturais, principalmente em se tratando da linguagem. Tal obstáculo, entretanto, pode ser superado se desenvolvermos certas atitudes mentais. Assim, a figura do professor terá fundamental importância para que essa “crença” receba o tratamento devido quanto à sua permanência no rol dos problemas relacionados à leitura e, em última análise, à Língua Portuguesa.

O objeto livro foi sempre considerado algo distante, reverenciado. Só os privilegiados chegavam até ele. É consenso que há códigos especiais e elaborados para “decifrar seus mistérios”. Atualmente, mesmo com campanhas institucionais, popularização através de agressivo, o livro conserva uma aura, responsável pela cerimônia com que é tratado. Se prestarmos atenção, há modos diferentes para a leitura de livros e jornais, por exemplo, havendo inclusive a preocupação com a escolha de lugares e momentos adequados. Para o livro, haverá, rituais próprios de abordagem como uma preparação para, digamos, um

momento especial, sem, obrigatoriamente, ser prazeroso.

Talvez radicalizemos, tornando caricatural a situação. Concordamos que isso não acontece sempre e que as condições estejam melhorando, com grande parte da sociedade se dando conta do papel do livro. Infelizmente, ainda permanecemos longe do que desejaríamos, como “leitores inveterados”, conscientes da importância de ler “livros”.

Não nos deteremos em razões econômicas, políticas ou afins para buscarmos explicações, mesmo porque não sejam essas, searas a que nos dedicamos. Vamo-nos fixar na linguagem, a matéria formal de que se constitui o livro, o que pode atrair ou repelir o futuro leitor.

Tem-se o livro como lugar do saber, seja ele de ficção ou de teoria. O distanciamento é tão arraigado que, às vezes, quem aprecia a Turma do Casseta e Planeta, na televisão, jamais leria o livro que escreveram, embora tivesse o mesmo tom e essência das peripécias televisivas.

Qual o tipo de leitor, por exemplo, de um Dicionário de Palavrões? Alguém que fale muitos palavrões, interessado em outras perspectivas ou só o estudioso de linguagens, eventualmente investigando determinado lingüístico?

Acreditamos que o preconceito deva ser combatido, já que o livro se reveste de importância histórica. Há ainda longo caminho a percorrer e nós, professores, pesquisadores e estudiosos da língua, em geral, somos responsáveis pela mudança da situação que, aos poucos, assumirá novos contornos. Assim, fará “parte dos móveis e utensílios”, acompanhando-nos no dia-a-dia e compondo qualquer cenário.

Levando em conta essa crença, torna-se fundamental facilitar-lhe o acesso, encontrar alternativas para desfrutá-lo, num convívio prazeroso.

Não pretendemos apontar objetivamente estratégias, mesmo porque as tais receitas não funcionam isoladas. Muitos são os fatores concorrentes. Atitudes mecânicas e rígidas estão fora de cogitação, principalmente em se tratando de questão tão sutil e subjetiva.

Ocupar-nos-emos aqui de um aspecto que julgamos essencial: o que está dentro do livro, de como nos chega e nos é apresentado; em outras palavras, falaremos sobre a linguagem. Mais especificamente, nosso objeto de estudo será a Língua Portuguesa, o código usado para que se estabeleça a ponte, o elo entre o autor e o leitor.

É necessário salientarmos, entretanto, que não trataremos de uma língua fria e distante, despida de emoção. Abordaremos a língua tocada pelo talento, exarcebada em suas virtualidades sob as mais diferentes formas, em poesia ou prosa, simples ou elaborada, mas sempre criativa, ousada e forte.

Celebra-se a Língua Portuguesa hoje no mundo. Afinal, através de José Saramago, o Nobel em Literatura, podemos ver reconhecida a língua materna em excelência plena. Por ocasião do prêmio, indagado sobre o que achava do resultado, o compositor Chico Buarque resumiu: “Saramago trata muito bem a Língua Portuguesa”. Estava aí contido o cerne da questão.

Para nós, fundamentalmente é a língua(gem) a responsável para que nos apaixonemos pelo livro, nos deixemos envolver por ele, tornando-nos, de maneira irremediável, presos em suas malhas.

No jornal, na revista ou em qualquer outro meio de comunicação escrita, a língua encontra-se em funcionamento, manipulada também por artífices da palavra talentosos. Entretanto, é no objeto livro, pelas próprias características, que se mostra inteira. Não falamos somente do tratamento literário, da função poética privilegiada. A língua apresenta-se com as suas potencialidades em estado “sólido”, concreto.

Ao longo de nossas vidas, desde que nos alfabetizamos até a Faculdade, com especialização, mestrado, doutorado, estudamos essa língua sob todos os aspectos, abordagens, correntes, conceitos, nomenclaturas esquemas, perdendo a noção de como ela é, do que é capaz. Caetano Veloso na música com propriedade, pergunta: “O que quer/ O que pode/ Esta língua?”.

Ignoramos o produto final, como se nos apresenta. Perdemos-nos no caminho, em detalhes, em questiúnculas, não nos dando conta da beleza e do “pleno” funcionamento por meio de mãos (e mentes) talentosas e sensíveis, dotadas de apurada intuição lingüística.

O distanciamento proporcionado pelo estudo e análise nos faz perder o senso de medida e estética da única razão de tantos cuidados que é o texto, na sua graça, na sua pujança, na sua sutileza, na sua emoção. O texto, enfim, que reúne a Fonética, a Morfologia, a Sintaxe e a Semântica, orquestradas sob a batuta do autor que, com toque de gênio, nos oferece as obras-primas que nos seduzem e arrebatam, envolvendo-nos num com o livro em embates vitais. Então, nos deixamos conduzir por essa língua que normalmente é tão execrada e atacada em estado bruto. Se há responsáveis pela “má” fama, não podemos, no entanto, permitir generalizações, derrubando preconceitos como, o de que Machado é difícil ou Camões, tedioso.

Continuamos a acreditar que o nível de entusiasmo com que se faz a abordagem e a paixão demons-

trada contagiará, sendo mais eficientes que qualquer estratégia ou teoria “modernas”. O livro é insubstituível. Não há intermediários. Paródias, quadrinhos, especiais de televisão, peças de teatro, novelas, filmes, outras linguagens podem e devem ser trabalhadas como recriação de um original e não como substituição a ele.

Existem muitos autores que “tratam bem a Língua Portuguesa” como disse Chico Buarque. Contribuem para que tal aconteça de maneira diversa, com estilos díspares, mas peculiares. Servem-se dela de acordo com suas necessidades estéticas, construindo textos que a colocam em encantatório e artesanal funcionamento.

Para uns, a Língua Portuguesa assume o papel do vilão, dificultando a compreensão do discurso, chegando até a tornar-se “o inimigo”. Para outros – e somos responsáveis para que tal legião aumente suas fileiras – revela-se o protótipo do herói, festejado por terras e gentes em memoráveis conquistas dos textos universais e eternos.

Escolhemos alguns fragmentos para exemplificar o fazer literário através dos sons, palavras e frases. Senão vejamos.

(1) Monteiro Lobato com sua poética e/ou irônica brasilidade lingüística:

(2) Machado de Assis com seu refinamento estético nas imagens:

(3) Carlos Drummond de Andrade com a elegância e precisão coloquial de seus versos:

(“Procura da poesia”, In:)

(4) Eça de Queiroz com sua adjetivação singular e exuberante:

“Raridade”, In:

Não houve preocupação com gêneros, épocas, temas. Nossa escolha foi arbitrária, deixando muitos artifícios de fora. O critério, se existiu, deu-se pelo gosto de ler, ouvir, encharcarmo-nos dessa Língua de tantas formas, recursos e motivações. Insistimos no deleite e no prazer, tendo convicção de que é necessário paixão entre autor e leitor para que a aproximação de veras se efetive com todos os desdobramentos possíveis.